

# *Paulo de Tarso*

*Grego e Romano, Judeu e Cristão*

José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel,  
Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues (coords.)

## PAULO DE TARSO: EM TORNO DA ORIGEM

RODRIGO FURTADO  
Universidade de Lisboa

*Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa*

Corria o ano de 387 ou já 388. Jerónimo deambulava então pelo Egipto com as suas companheiras, Paula e Eustóquio, visitando os sítios dos ascetas cristãos. A pedido delas, começou por essa altura uma série de comentários a algumas das cartas atribuídas a São Paulo; entre eles, escreveu um *Comentário à Epístola a Filémon*. Aproveitando o facto de estar no Egipto, Jerónimo deve ter então consultado um outro *Comentário* a este mesmo texto, escrito mais de um século antes por Orígenes, em Alexandria. Deve ter sido neste texto<sup>1</sup> que, a propósito do versículo 23 da *Epístola a Filémon*, Jerónimo encontrou uma estranha notícia que decidiu incluir também na sua própria obra<sup>2</sup>: «quando toda a província [da Judeia] foi devastada pelo exército romano e os Judeus se espalharam pelo mundo», os pais de Paulo teriam sido levados de uma povoação chamada Gíscalis, de onde seriam originários, para Tarso; e ainda mais: «o muito jovem Paulo seguiu o destino dos pais» (*in Phil. 23, PL26.617*). Paulo teria, pois, nascido, antes de ir para Tarso, em Gíscalis. É possível que Jerónimo não estivesse seguro acerca da localização do povoado: não aparecia uma única vez na Bíblia e não parece ter tido qualquer comunidade cristã<sup>3</sup>. Situa-o, pois, na Judeia, corónimo que permitia recobrir sem grande precisão o território da Palestina (*Luc. 1.5, 23.5, Act. 10.37*). Esta Gíscalis deve, no entanto, ser identificada com Gíscala, a moderna Jish (شجلا)/Gush Halav (גוש חל'ב), bem ao norte na Galileia, pátria do famoso João de Gíscala, que liderou a grande guerra judaica do século I<sup>4</sup>.

Esta origem singular de Paulo, ao arrepio da versão convencional que se encontrava nos textos sagrados, continuou a interessar Jerónimo. De facto, anos depois, em 393, já em Belém, ele decidiu escrever um *De uiris illustribus* à maneira de Suetónio, que elencava 135 personalidades cristãs. Paulo foi a quinta. Aí, Jerónimo decidiu ser ainda mais explícito e clarificou a informação anterior, ao afirmar que Paulo era «de Gíscalis, uma vila da Judeia; quando esta foi capturada pelos Romanos, emigrou para Tarso, na Cilícia, com os pais». (*uir. ill. 5*)<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Hipótese apresentada por Harnack, 1919, 145ff. Cf. Kelly, 1975, 145-149.

<sup>2</sup> Apresenta-a como fábula o que não significa necessariamente ficção.

<sup>3</sup> Zahn, 1904, 29; Deissmann, 1926, 90, n. 5, retomados por Murphy-O'Connor, 2007, 18.

<sup>4</sup> Cf. Thomsen, 1907, 52.

<sup>5</sup> Paulo seria assim, como Jesus de Nazaré, Paulo «de Tarso» devido ao local onde passara a sua infância, e não por ser essa a sua cidade natal. Cf. Murphy-O'Connor, 2007, 16.

Esta singular versão foi aceite já no séc. XIX por T. Zahn, A. Deissman, A. von Harnack e, mais recentemente, por J. Murphy-O'Connor<sup>6</sup>. E T. Zahn não deixava de ter razão: percebe-se mal por que razão Jerónimo (ou Orígenes?) teria inventado tal notícia, já que Paulo não parece ganhar nada de relevante com esta sua «nova» origem. T. Zahn considerava por isso provável que ele tenha mesmo sido levado como escravo para Tarso talvez na sequência da rebelião de Judah ben Hezekiah, em 4 a.C. (*AJ* 17.271)<sup>7</sup>.

Há, no entanto, um problema: a primeira vez que ouvimos falar desta origem «diferente» de Paulo é apenas mais de trezentos anos depois de ele ter vivido; ela não é referida em nenhum dos textos mais próximos da vida do Apóstolo: nem nos *Actos*, nem nas *Cartas*. Eusébio de Cesareia também a omite e o mesmo fazem Lactâncio, Rufino, Ambrósio ou Agostinho. Ninguém conhecia ou a ninguém pareceu credível esta versão. Só Fócio (a partir de Orígenes?<sup>8</sup>), já bem mais tarde, em 867, também mostrou conhecê-la: para ele, e preservando a versão bíblica, Paulo teria sido concebido ainda em Gíscala, mas nascera já em Tarso (*quaest. Amphil.* 116, PG 101.687).

\*

É nos *Actos dos Apóstolos* que encontramos a mais completa informação sobre as origens de Paulo. Corria talvez o ano 57. Na atribulada Jerusalém, a multidão de Hebreus enfurecida acusara Paulo de introduzir Gentios no templo, arrastara-o para fora do santuário e parecia prestes a linchá-lo, não fora a intervenção dos soldados romanos (*Act.* 21.27-36). Posto em segurança, Paulo teve a possibilidade de se explicar em Grego ao confundido tribuno romano: que não, não era o Egípcio que se tinha há tempos revoltado<sup>9</sup>; «eu sou mesmo um homem judeu (ἐγὼ ἄνθρωπος μὲν εἰμι Ἰουδαῖος), de Tarso (Ταρσεύς), cidadão de uma não obscura cidade da Cilícia» (*Act.* 21.39). Tal *pedigree* foi suficiente para que fosse autorizado a dirigir-se à multidão, e desta vez em Aramaico<sup>10</sup>: «eu sou um homem judeu (ἐγὼ εἰμι ἄνθρωπος Ἰουδαῖος), nascido em Tarso da Cilícia (γεννημένος ἐν Ταρσῷ τῆς Κιλικίας), fui educado nesta

<sup>6</sup> Zahn, 1904, 24-34; Harnack, 1924<sup>4</sup>, 63 n. 1; Deissmann, 1926, 90, n. 5; Murphy-O'Connor, 2007, 16-20.

<sup>7</sup> Zahn, 1904, 24-34; Harnack, 1924<sup>4</sup>, 63 n. 1. Esta hipótese foi também retomada por Murphy-O'Connor, 2007, 19-20. Contudo, Fucks, 1985, mostra que haveria outras datas possíveis para uma possível escravização da família de Paulo.

<sup>8</sup> É a hipótese avançada por Hengel, 1991, 14.

<sup>9</sup> Cf. talvez Jos. *Bel.* 2.261-263. Esta confusão era socialmente aviltante tendo em conta a péssima reputação de que os Egípcios gozavam. Segundo Jos. c. *Apion* 2.41, apenas aos Egípcios era recusada a cidadania romana; de modo geral, também Filon de Alexandria mostra particular desprezo pelos Egípcios (e.g. *Phil.*, all. 2.84, 3. 13, 3.38, 3.81, 3.87, de somn. 2.55); veja-se também Strab. 17.1.12-13.

<sup>10</sup> Falar Ἑβραϊστί deve referir-se à utilização do Aramaico como língua de comunicação (cf. Jo. 5.2, Jos. *AJ* 18.228). Embora não me pareça convincente, veja-se para uma opinião diferente desta Ott, 1967, 22.

cidade, instruído aos pés de Gamaliel, em todo o rigor da Lei dos nossos pais e cheio de zelo pelas coisas de Deus» (*Act.* 22.3). Trata-se de um autêntico *curriculum vitae*, onde não faltam os dados pessoais ou as habilitações: (i) pertença étnica/religiosa ao mundo hebraico, reforçada pela utilização do pronome pessoal, do presente do indicativo (ἐγώ εἰμι) e, no primeiro discurso, pela partícula μέν; nada sobre Gíscala ou sobre o norte da Galileia; (ii) o seu local de nascimento foi Tarso, informação reforçada pela lítotes que a refere como uma «não obscura cidade da Cilícia» (τῆς Κιλικίας οὐκ ἀσήμου πόλεως); de novo, sem referência, nem mesmo indirecta, a Gíscala; (iii) em Tarso, gozaria do extraordinário estatuto de cidadão; (iv) a sua instrução fora em Jerusalém, «aos pés de Gamaliel»; por fim, (v) insistência no rigor desta instrução e no zelo que mostrava no cumprimento da Lei.

Contudo, o tribuno não se deixou impressionar. Paulo até podia ser judeu, cidadão de uma πόλις importante, mas alguma razão deveria haver para estar a ser perseguido. A vergasta seria decerto boa opção para fazer o prisioneiro falar. Ditada a decisão, Paulo revela então novo pormenor sobre a sua identidade: Ῥωμαῖον! «Sou Romano!» O tribuno não controla a admiração: ele próprio tinha comprado com custo a sua cidadania! Paulo responde: «Pois eu já nasci com esse direito» (*Act.* 22.25-28)!

Acabado de chegar da Grécia, Paulo fora mal recebido em Jerusalém, onde corriam rumores de que negara a Lei, ensinando os Judeus da diáspora a trocá-la pelos mais polidos costumes gregos; dizia-se que no Templo teria introduzido Gregos; quase linchado por Hebreus, fora salvo pela guarnição romana; a esta dirigira-se em Grego, em Aramaico aos Hebreus. Prestes a ser flagelado como *peregrinus*, confessa-se cidadão romano. «Sou judeu de Tarso» funciona, pois, como uma espécie de «dois em um» que caracteriza bem Paulo. O seu nome é também sinal disso: Saulo para os Hebreus, no mundo greco-romano chamava-se Paulo<sup>11</sup>.

Sendo assim, será de rejeitar a hipótese «Gíscala»? Ainda não. Jerónimo e Fócio não são tolos, conhecem os *Actos dos Apóstolos* e também admitem a relação de Paulo com Tarso, mesmo se há contradição entre o texto bíblico e a versão transmitida por Jerónimo; e pelo menos Fócio tenta conciliar as duas versões. Os próprios discursos dos *Actos* não estão isentos de problemas<sup>12</sup>, já que não foram escritos por Paulo, mas por autor anónimo, já no séc. II tido como Lucas, companheiro de Paulo<sup>13</sup>. Naturalmente, por si só esta evidência

<sup>11</sup> Σαούλ (= שָׁאוּל) surge em *Act.* 9.4, 9.17, 22.7, 22.13, 26.14; Παῦλος em *Act.* 9.13-28 *passim*. Cf. Hemer, 1985.

<sup>12</sup> Conzelman, 1987, 186: «The entire defense speech given before the people is Luke's creation». Igual opinião em Haenchen, 1971, 622. *Contra* veja-se Bruce, 1988<sup>rev</sup>, 399-400.

<sup>13</sup> Ver Kümmel, 1975, 147-150 e McDonald, Porter, 1999, 296. Os passos escritos na 1ª pessoa são muitas vezes utilizados para defender que o autor dos *Actos* foi companheiro de

não descredibiliza a narrativa, sob pena de termos de recusar quase todas as *Histórias* que hoje temos. Contudo, Lucas (por comodidade e tradição, continuarei a referi-lo deste modo) atribui às origens de Paulo um conjunto de pormenores que pode ser cotejado com fontes mais directas, como as 7 cartas de autoria certa que o próprio Paulo nos deixou<sup>14</sup>.

As *Cartas* confirmam que Paulo nascera Judeu, pois fora circuncidado ao oitavo dia do seu nascimento, era filho de Judeus, pertencia à tribo de Benjamim, era Israelita e falante de Aramaico (*Fil.* 3.4-5; *Rom.* 9.3b-5, *Rom.* 11.1, *2Cor.* 11.22): ora, tudo isto não comprova, mas é historicamente compatível com a hipótese «Gíscala». Ao contrário do que se passa com Jerusalém (*Rom.* 15, 19, 25, 31, *1Cor.* 16.3, *Gal.* 1.17, 2.1, 4.25), Corinto (*1Cor.* 1.2, *2Cor.* 1.1, 23), Éfeso (*1Cor.* 15.32, 16.8), Damasco (*2Cor.* 11.32, *Gal.* 1.17) ou Antioquia (*Gal.* 2.11), nenhuma das *Cartas* refere uma única vez Tarso nem sequer como cidade por onde Paulo tivesse passado, quanto mais nascido. Apenas com base nas *Cartas*, a hipótese «Tarso» é tão verosímil como a hipótese «Gíscala»: ambas são omitidas. E não é esta a única omissão nas *Cartas*: nos textos do próprio Paulo também nunca vêm referidas nem a sua cidadania romana nem a sua cidadania em Tarso nem a sua educação «aos pés de Gamaliel».

De facto, não fora existirem os *Actos dos Apóstolos*, creio que muitos autores admitiriam bem, apenas com base nas *Cartas*, que Paulo tivesse nascido na Palestina, talvez no norte da Galileia, em Gíscala. Contudo, os *Actos* existem e são explícitos; em outros passos, Lucas supõe também com naturalidade a origem de Paulo na Cilícia (*Act.* 9.11, 9.30, 11.25, 15.23, 15.41. Cf. *Gal.* 1.21).

\*

Reclamar-se de Tarso, na Antiguidade, não era pequena coisa: antes de Paulo, Estrabão afirmara que os cidadãos desta πόλις teriam ultrapassado Atenas e Alexandria nas suas escolas e no ensino dos filósofos (*Strab.* 14.5.12-15); depois, de Paulo, Díon Crisóstomo continua a elencar as razões para o orgulho dos cidadãos de Tarso pela sua cidade (*Dio Chrys.* 33.17, 33.28); mais tarde ainda, embora considerando que lhes interessava pouco a filosofia, Filóstrato menciona o luxo destes cidadãos (*Philostr.* *Apol. Tyan.* 1.7)<sup>15</sup>; uma

Paulo (*Act.* 16.10-17, 20.5-15, 21.1-18, 27.1-29, 28.1-16). Nas *Cartas*, Lucas surge em *Fim* 24 e nas epístolas deuteropaulinas (*Col.* 4.14, *2Tim.* 4.11). O *Cânone de Muratori*, do século II, é o primeiro texto que chegou até nós a identificar Lucas como autor do terceiro *Evangelho* e dos *Actos dos Apóstolos*: *Acta autem omnium apostolorum sub uno libro scribta sunt. Lucas obtime Theofile comprindit quia sub praesentia eius sinclula gerebantur* (ed. Lietzmann).

<sup>14</sup> Incluo aqui a *Epístola aos Romanos*, a 1ª e a 2ª *Epístolas aos Coríntios*, as *Epístolas aos Gálatas* e aos *Filipenses*, a 1ª *Epístola aos Tessalonicenses* e a *Epístola a Filémon*. Na sequência de Harrison, 1921, aceito como «Deuteropaulinas» as *Epístolas aos Efésios* e aos *Colossenses*, a 1ª e a 2ª *Epístolas a Timóteo* e a *Epístola a Tito* (além, naturalmente, da *Epístola aos Hebreus*).

<sup>15</sup> Veja-se também Xen. *Anab.* 1.2.22-33, Jos. *AJ* 1.6.7, Dio Chrys. 33.49. Cf. Ramsay, 1908, 85-116; Böhlig, 1913; Jones, 1940, 207; Jones, 1971<sup>2</sup>, 192-215.

inscrição chega mesmo a reivindicar Tarso como «a primeira, a maior e a mais bela metrópole» (*OGIS* 578.7-8).

Contudo, ser cidadão de Tarso não era algo que qualquer um pudesse reivindicar ser: em nenhuma πόλις o conjunto dos cidadãos foi equivalente ao conjunto dos habitantes do sexo masculino; ser cidadão era uma situação de privilégio político e de manifesto relevo social. Concretamente em Tarso, no final do século I a.C., o célebre Atenodoro, professor de Augusto, tinha limitado severamente a cidadania, ao estipular como condição para o seu acesso o rendimento de 500 dracmas (*Dio Chrys.* 34.21-23), o que correspondia ao que um legionário auferia durante dois anos<sup>16</sup>. Aceitar que Lucas está certo é situar, pois, Paulo não apenas entre a elite política, mas também entre a elite económica de Tarso<sup>17</sup>. Ora, Lucas parece confirmar esta condição económica privilegiada: em Jerusalém, Paulo teria pago os dispendiosos rituais de purificação de quatro Nazireus (*Act.* 21.23)<sup>18</sup>; Félix teria esperado um suborno da parte de Paulo (*Act.* 24.26), que teria também tido de pagar do seu bolso a viagem a Roma e o apelo ao imperador (*Act.* 25.11); aí chegado, teria arrendado uma casa durante dois anos (*Act.* 28.30)<sup>19</sup>. Por fim, o facto de Paulo pertencer à tribo de Benjamim, que o nome Saúl/Saulo comprova, confirma o seu estatuto social: como M. Hengel admite, «only a few families could clearly derive their origin from a particular tribe [...]. Here we may with justification speak of a “lay nobility by birth”»<sup>20</sup>. Os membros desta tribo tinham o prestígio de descender do único filho de Jacob a ter nascido em Israel (*Gen.* 35.16) e de pertencer à única tribo que se mantivera fiel a Judá; continuaram depois a ter influência: Jehuda-ha-Nāsi, por exemplo, o redactor da Mishnah e trisavô de Gamaliel, era benjaminita<sup>21</sup>.

Em Tarso, ser judeu, cidadão e rico não era natural. É verdade que J. Goldstein admite que a ida ao *gymnasium* ou a participação em cerimónias da πόλις seria rejeitada pelos Judeus mais estritos<sup>22</sup>. Contudo, foi também rejeitada por A. D. Nock e S. Applebaum<sup>23</sup> a tese de que a concessão da cidadania de uma πόλις aos Judeus deveria obrigar à apostasia<sup>24</sup>. O próprio Goldstein mostrou que houve quem se tivesse deixado atrair pela política e cultura helenísticas, sem deixar de ser Judeu<sup>25</sup>.

<sup>16</sup> Cf. Hengel, 1991, 98-99, n. 43; 100, n.54.

<sup>17</sup> *Dio Chrys.* 34.23. Cf. Bruce, 1988rev, 398.

<sup>18</sup> Cf. as ofertas devidas pelo Nazireu em *Nm* 6.14-15.

<sup>19</sup> Hock, 2008, 7-18, defendeu que o trabalho artesanal de Paulo teria sido aprendido já depois da sua conversão.

<sup>20</sup> Hengel, 1991, 17.

<sup>21</sup> Hengel, 1991, 26-27.

<sup>22</sup> Goldstein, 1981, 66-67.

<sup>23</sup> Nock, 1972, 960ff.; Applebaum, 1974a.

<sup>24</sup> Tarn, Griffith, 1959, 222.

<sup>25</sup> Goldstein, 1981.

Jerónimo não é claro, mas é muito provável que supusesse, pelo menos no *Comentário a Filémon*, que Paulo e os pais teriam sido levados (*fuisse translatos*) para Tarso como escravos na sequência de uma das revoltas na Palestina. Nesse caso, em determinada altura, a família teria sido alforriada. De resto, seria por certo um dever que os familiares de um Judeu tornado escravo o procurassem resgatar: se a família de Paulo na Palestina fosse rica, tal situação pode mesmo ter sucedido<sup>26</sup>. No *de uiris illustribus*, Jerónimo matiza um pouco a afirmação ao referir apenas que Paulo teria emigrado (*commigrauit*) com os pais. Mas, numa e noutra hipótese, seria possível que os pais de Paulo pudessem ter rendimento suficiente para adquirirem depois a cidadania em Tarso? Não é assim tão simples, porque a alforria ou a posse de um rendimento mínimo não garantiam por si só o acesso à πολιτεία.

W. M. Ramsay considera verosímil que a cidadania de Paulo proviesse da sua concessão em bloco aos Judeus de Tarso. Mas terá esta concessão, de facto, ocorrido? Seleuco I terá concedido direitos completos de cidadania aos Judeus das cidades que fundou na Ásia e na Síria (Jos. *AJ* 12.121). Contudo, Judeus em Tarso só são atestados a partir de 171 a.C., durante o governo de Antíoco IV<sup>27</sup>. Ora, precisamente este rei procurou aplicar na Palestina um muito severo programa de helenização e não há notícias de que mostrasse especial liberalidade para com os Judeus fora desse território. Além disso, parece que Josefo não terá completa razão: embora com um estatuto diferente do de outros não-cidadãos, os Judeus, *como grupo*, não terão gozado de direitos plenos de cidadania nas πόλεις helenísticas, que, de resto, lhes teriam exigido a participação nas liturgias políticas, onde festivais e serviços religiosos assumiam papel determinante. De facto, são problemáticas as informações de Josefo acerca da cidadania de Judeus em Antioquia, Sardes e na Jónia (Jos. *AJ* 12.121, 125-127, 16.27-60)<sup>28</sup>. É também duvidoso o caso de Alexandria (cf. Philo, *Flaccus* 53, Jos. *AJ* 12.1, 19.5, 281, *c. Apion.* 2.38-39). V. Tcherikover defendeu que aqui os Judeus estariam organizados numa corporação cívica semi-autónoma, com poderes administrativos e judiciais próprios (πολίτευμα), gozando de uma espécie de cidadania limitada<sup>29</sup>; e Πολιτεύματα de Judeus como o de Alexandria parecem, de facto, ter existido em Berenice na Cirenaica, em Selúcida-sobre-o-Tigre e em Corinto<sup>30</sup>. E se πολίτης nos *Actos* não

<sup>26</sup> Exemplos de resgates em Hengel, 1971, 173-174.

<sup>27</sup> Ramsay, 1908, 139, aventou a possibilidade de que a família de Paulo habitasse em Tarso antes de 171 a.C., data proposta para a concessão da cidadania aos Judeus da cidade (p. 185). Cf. também Böhlig, 1913, 128-129.

<sup>28</sup> Tcherikover, 1961, 309-332; Applebaum, 1974a, 420-463; Applebaum, 1974b; Applebaum, 1974c, 701-727; Smallwood, 1976, 201-255; Rabello, 1980 (esp. 691-695, 719-725); Kasher, 1985; e, recentemente, Gruen, 2002.

<sup>29</sup> Tcherikover, 1961, 313-317; Jones, 1971<sup>2</sup>, 159-162, 172-174; Lentz, 1993, 39-42.

<sup>30</sup> Jos. *AJ*. 18.372.378. Cf. Lentz, 1993, 40.

significar «cidadão», mas apenas «membro de um *πολίτευμα*»<sup>31</sup>? Nesse caso, Paulo pode não ter sido cidadão, mas apenas membro da congregação semi-autónoma de Judeus de Tarso. Aí chegados, alforriados ou emigrados, os pais de Paulo poderiam ter sido admitidos nesta organização de Judeus de Tarso, a ter esta existido. Ora, é precisamente este o problema: a ausência de fontes que corroborem a existência de um *πολίτευμα* na capital de Cilícia. De resto, não fora Paulo, nenhum indício teríamos da existência de uma comunidade judaica de cidadãos de Tarso, nem plenos nem «semi-autónomos»<sup>32</sup>.

É claro que Paulo pode também ter sido cidadão pleno de Tarso<sup>33</sup>; um sobrinho de Fílon foi de facto cidadão de Alexandria (Jos. *AJ* 20.100, *BJ* 2.309, 492, 4.616, Tac. *ann.* 15.28.4) e um certo Antíoco foi-o de Antioquia (Jos. *c. Apion.* 2.38-39). No final do séc. III d.C., os Judeus de Sardes tinham a sua sinagoga no edifício termal da cidade<sup>34</sup>, e, na mesma altura, em Acmonia na Frígia, pelo menos dois Judeus desempenharam vários cargos políticos<sup>35</sup>: contudo, nestes dois casos, estamos já mais de duzentos anos depois de Paulo e pelo menos cinquenta anos depois de Caracala. Há também exemplos de apóstatas como o Dositeu do 3º Livro dos Macabeus (*3Mac* 1.3) ou os «*ποτὲ Ἰουδαῖοι*» de Esmirna (*CIG* 3148= *IGR* 4.1431)<sup>36</sup>. É, pois, admissível que, atestando terem as tais 500 dracmas, Paulo, o pai ou um antepassado possam por exemplo ter comprado a cidadania de Tarso, como sucedia em Atenas (antes da proibição imposta por Augusto – Dio Chrys. 54.7) e em outras πόλεις<sup>37</sup>. Esse acto resultaria assim de uma vontade consciente em participar na vida política da cidade.

Seria esta cidadania compatível com a história de Jerónimo/Fócio? Pelo menos, creio, não seria incompatível: seria possível que os pais de Paulo se tivessem instalado em Tarso e tivessem depois comprado a cidadania. Terá T. Zahn razão, e indicará a expressão *fuisse translatus* do *Comentário a Filémon* que Paulo e os pais teriam sido levados como escravos para Tarso? A ser assim, no entanto, Paulo seria então um liberto, condição de que nenhuma das fontes próximas do Apóstolo permite suspeitar. Pelo contrário, se Paulo tiver sido um liberto, a informação dos *Actos*, para quem ele já teria nascido cidadão romano, estará errada.

<sup>31</sup> Πολίτης aparece apenas quatro vezes no *Novo Testamento* (*Lc.* 15.15, 19.19, *Act.* 21.39, *Heb.* 8.11). Apenas a ocorrência nos *Actos dos Apóstolos* supõe uma semântica política.

<sup>32</sup> Taira, 1989, 79-80 vai mais longe e defende que πολίτης «most likely refers to Paul's membership in the resident Jewish community at Tarsus rather than to any citizenship in the Greek πόλις». *Contra* Rapske, 1994, 76.

<sup>33</sup> Nem os Macabeus/Hasmoneus foram capazes de porfiar na sua rejeição do Helenismo. Cf. Goldstein, 1981, 64-87, 318-326; Kraabel, 1982; Levine, 1999; Gruen, 2003.

<sup>34</sup> Kraabel, Seager, 1983; e Trebilco, 1991, 37-57.

<sup>35</sup> Sobre Acmonia, veja-se a síntese de Trebilco, 1991, 58-84.

<sup>36</sup> Kraabel, 1982, 455.

<sup>37</sup> Cf. Robert, 1940; Stern, 1987; Hengel, 1991, 100-101, n. 55.



\*

De facto, o Paulo dos *Actos* não teria sido apenas cidadão de Tarso, mas também cidadão de Roma (*Act.* 16.37-38, 22.25-29, 23.27, 25.10-12). Não é demasiado estranho: era, de facto, possível que um homem fosse cidadão da sua cidade natal e, ao mesmo tempo, cidadão de Roma<sup>38</sup> – a partir de Augusto começara a surgir esse fenómeno no Oriente, tornando-se comum na época de Cláudio. O acesso à cidadania romana também não era limitado por um rendimento mínimo. Por fim, na época de Paulo, o cidadão romano já não tinha especiais obrigações políticas e religiosas: já não as tinha dentro da Urbe, onde por exemplo os comícios tinham perdida importância com o advento do Principado, muito menos as tinha fora de Roma. Era até mais fácil que um Judeu, mesmo sem grandes recursos ou estatuto, fosse cidadão romano do que cidadão de uma πόλις<sup>39</sup>: Silas/Silvano, companheiro de Paulo, é tido também como cidadão romano (*Act.* 16.37); em Jerusalém, havia Judeus que eram cavaleiros romanos (Jos. *AJ* 14.228, 232, 234, 237, 240, 19.52, *BJ* 2.308). Admito que é estranho que Paulo, se de facto era cidadão romano, tenha sido flagelado três vezes (*2Cor.* 11.25. Cf. *2Cor.* 6.5, 11.23-24). No entanto, havia certamente distância entre a letra da lei e a sua aplicação: por exemplo, conhecem-se cidadãos romanos que, apesar disso, foram crucificados<sup>40</sup>. De resto, a parte final dos *Actos* apoia-se nos direitos garantidos a Paulo pela sua cidadania romana. Por isso, não é de crer que ela seja uma criação de Lucas, sob pena de poder vir a abalar a credibilidade do seu texto: se Paulo não tivesse sido cidadão romano, seria recurso infantil relacionar a sua ida a Roma e a consequente expansão do Cristianismo com uma inventada *prouocatio ad imperium*.

O problema não reside, pois, na cidadania de Paulo, que é verosímil, mas na sua origem. Um escravo de cidadão romano, quando alforriado, adquiria normalmente a cidadania. Vários Judeus conseguiram tornar-se cidadãos deste modo (Philo, *ad Gaium* 23.155-157, Jos. *AJ* 17.300); os λιβερτίνοι que eram membros de uma sinagoga em Jerusalém deviam provavelmente ser também cidadãos romanos (*Act.* 6.9). Era ainda possível que a cidadania fosse concedida como recompensa por determinada acção em favor de Roma (Cic. *Balb.* 8.19, Strab. 5.1.6): o idumeu Antípatro e o filho, o célebre Herodes-o-Grande, eram cidadãos romanos (Jos. *AJ* 14.137, *BJ* 1.194, 2.308); contudo, há também que admiti-lo, a família de Paulo não era comparável com a de Herodes; e, antes de Cláudio, esta atribuição da cidadania romana no Mediterrâneo oriental parece

<sup>38</sup> Dión Crisóstomo era cidadão de Apameia, Nicomédia, Niceia e outras πόλεις da Ásia Menor (cf. 38, 39, 41). Veja-se Sherwin-White, 1972; Jones, 1971<sup>2</sup>, 172.

<sup>39</sup> Ver Gauthier, 1974, 207-215.

<sup>40</sup> Jones, 1968; Hengel, 1977.

ter sido rara: para que um antepassado de Paulo tivesse conseguido a cidadania romana deste modo teria, pois, de se ter evidenciado no apoio a Roma em algum contexto muito excepcional. Era ainda possível comprar a cidadania (como o tribuno de *Act.* 22.28) ou concedê-la em bloco a determinados πολίται (o que não aconteceu em Tarso). Era ainda possível que um *peregrinus* que tivesse servido como auxiliar nas legiões romanas adquirisse depois a cidadania; contudo, em 49 a.C. Lêntulo (Jos. *AJ* 14.228) e em 43 a.C. Dolabela (Jos. *AJ* 14.226) tinham isentado do serviço militar os Judeus<sup>41</sup>.

Ora, o Paulo lucano assegura que «nascera cidadão romano». Aceitar esta afirmação como certa significa que Paulo não pode ter sido levado como escravo para Tarso, com os pais, na sequência de uma revolta contra Roma. Além disso, aceitar que Paulo nasceu cidadão romano implica que esse privilégio tenha sido concedido pelo menos ao seu pai, antes ainda do nascimento do Apóstolo, em circunstâncias que desconhecemos; é assim possível que o pai de Paulo fosse já cidadão romano na Palestina e, na sequência de distúrbios políticos, tivesse emigrado livremente para uma cidade mais pacífica e próspera; é possível que o pai de Paulo pudesse ter sido levado para Tarso como escravo de algum cidadão romano, na sequência de uma das revoltas da Palestina, como parece supor Jerónimo, tendo sido libertado e adquirido a cidadania, ainda *antes* de Paulo ter nascido; é também possível que o pai de Paulo, ou algum dos seus antepassados, tenha comprado a cidadania, tal como o tribuno romano referido nos *Actos*, o que deve ter acontecido muito raramente antes do início da era cristã.

\*

Há um pormenor que parece confirmar o elevado estatuto social de Paulo: a sua boa formação retórica e cultural. Sobre a educação de Paulo já tudo se disse e o seu contrário. Contudo, têm-se recentemente evidenciado os que defendem a sua sólida formação retórica<sup>42</sup>. Não é propósito deste texto analisar os argumentos em que vários autores se têm baseado para mostrar a qualidade retórica das *Cartas* (mais do que dos discursos em *Actos*, que, em rigor, não são da pena de Paulo, mas de Lucas). É facto que em nenhuma das *Cartas* Paulo mostra conhecer os *auctores* com que se estudava Grego, usados pela própria disciplina retórica como fonte de *exempla* e de emulação<sup>43</sup>. Contudo, a familiaridade de Paulo com as técnicas retóricas e os *topoi* argumentativos e culturais helenísticos são verificáveis: ele teve

<sup>41</sup> Applebaum, 1974a, 429-432, 459. Vejam-se também Smallwood, 1976, 127; e Rabello, 1980, 692.

<sup>42</sup> A bibliografia é infinita. Para um estado da questão, veja-se o já antigo, mas útil, Howell, 1964, 7-29; Fairweather, 1994; Litfin, 1994, 137-140; Martin, 1995, 38-68; Stamps, 1995.

<sup>43</sup> Apesar disso Menandro, *Monastichoi* 88 (ed. S. Jaekel), por exemplo, é citado em *1Cor* 15.33.

certamente formação retórica em algum lado. Onde? O próprio não no-lo diz nas *Cartas*. Com base nos *Actos*, onde nunca se fala sobre uma formação «retórica», pelo menos dois locais surgem como possíveis: Tarso e Jerusalém. Nunca o norte da Galileia.

É verdade que a Jerusalém do século I não era propriamente um grande centro de cultura helenística<sup>44</sup>. Contudo, metade das epígrafes aí encontradas são em Grego, 7% são bilingues<sup>45</sup> e, como Sevenster mostrou, muitas delas nem sequer se referem a Judeus da diáspora ou a gentios, mas a Hebreus da Palestina<sup>46</sup>. As epígrafes testemunham, pois, razoável literacia em Grego, talvez possível de adquirir em Jerusalém em escolas que ensinassem Grego com base nos *Septuaginta* e não em Homero<sup>47</sup>. Estas escolas não deviam ser frequentadas apenas por imigrantes da diáspora e estrangeiros, mas também por crianças locais, apesar da falta de fontes que no-lo confirmem. De qualquer modo, há pelo menos três διδάσκαλοι a aparecer nas epígrafes da época (*CIJ* 1266, 1268); e, em Jerusalém, já em 175 a.C. fora fundado o primeiro *gymnasium* e instituída a efébia (*1Mac.* 1.14, *2Mac.* 4.9-14). Aí, no séc. I, circulavam indivíduos que sabiam Grego, como o próprio Paulo, mas também talvez Silas, João Marcos, Barnabé ou Menasão, referidos no Novo Testamento, bem como Josefo, que conhecia muito bem Grego e literatura grega, embora não saibamos onde os terá aprendido (*AJ* 20.263). O mesmo Josefo também garante ter havido homens de cultura grega na corte de Herodes (*BJ* 2.21). Os diáconos cristãos, entre os quais um prosélito chamado Nicolau (*Act.* 6.5), dão conta das necessidades de uma comunidade grega ou helenizada em Jerusalém, onde havia também sinagogas de Judeus vindos de Cirene, Alexandria, Ásia e até da própria Cilícia (*Act.* 6.9). Repare-se, ainda, no carácter pujante da literatura pseudoepigráfica judaico-helenística. Um outro pormenor interessante é o facto de a única inscrição de uma sinagoga que chegou até nós estar escrita em Grego – o dedicatário chama-se Teodoto (nome grego), era liberto de Agripina *minor*, a mãe de Nero, e filho de um Vetteno (nome latino)<sup>48</sup>. Por fim, na Galileia, o Grego era certamente ainda mais utilizado do que em Jerusalém<sup>49</sup>: eram helenísticas as cidades de Séforis, Tiberíades e talvez Betsaida, de onde eram alguns dos apóstolos de Jesus, como André, João, Filipe ou Bartolomeu, cujos nomes são gregos.

---

<sup>44</sup> De entre a extensa bibliografia, veja-se Lieberman, 1965<sup>2</sup>; Sevenster, 1968; Fitzmyer, 1970; Hengel, 1974, 58-65; Mussies, 1976; Hengel, 1991, 54-61; Porter, 1994; e, por fim, como excelentes sínteses, Heszer, 2001, 251-450, e Pitts, 2008.

<sup>45</sup> Sevenster, 1968, 143-148, e Rahmani, 1994.

<sup>46</sup> Sevenster, 1968, 146-149.

<sup>47</sup> Pitts, 2008, 36.

<sup>48</sup> Hachlili, 1979, 31-65.

<sup>49</sup> Veja-se a excelente síntese de Fitzmyer, 1970.

Van Unnik analisou com particular pormenor *Actos* 22.3, precisamente sobre este assunto: γεγεννημένος ἐν Ταρσῷ τῆς Κιλικίας ἀνατεθραμμένος δὲ ἐν τῇ πόλει ταύτῃ παρὰ τοὺς πόδας Γαμαλιήλ πεπαιδευμένος. Este autor flamengo concluiu que a utilização dos participios γεγεννημένος, ἀνατεθραμμένος e πεπαιδευμένος corresponde a uma fórmula literária, comum para referir o nascimento, a educação familiar e a instrução formal de um indivíduo. O problema reside na pontuação da frase. Van Unnik relaciona δὲ ἐν τῇ πόλει com ἀνατεθραμμένος e conclui que Paulo teria sido educado inteiramente em Jerusalém<sup>50</sup>. De resto, a Agripa II, o Paulo lucano assegura também que, desde a juventude (ἐκ νεότητος), desde o início (ἀπ' ἀρχῆς), teria vivido entre o seu povo, em Jerusalém (*Act.* 26.4). Nas *Cartas*, diz-se Hebreu, [filho de] Hebreus (*Fil.* 3.5. Cf. *2Cor.* 11.22), e, segundo Lucas, uma sua irmã viveria em Jerusalém (*Act.* 23.16), o que confirmaria a ligação da família à cidade.

Com base na proximidade semântica entre ἀνατεθραμμένος e πεπαιδευμένος, A. W. Pitts propôs recentemente uma alternativa: que δὲ ἐν τῇ πόλει se ligasse antes a πεπαιδευμένος<sup>51</sup>. Seria assim de situar em Jerusalém apenas a instrução formal de Paulo e não também a sua educação em casa paterna, que teria decorrido em Tarso<sup>52</sup>. De qualquer modo, a ser assim, com base neste passo de *Actos*, ter-se-ia sempre de situar a educação superior de Paulo já em Jerusalém, «aos pés de Gamaliel», um dos reputados líderes fariseus, também ele da tribo de Benjamim. Paulo conhecia bem os *Septuaginta*<sup>53</sup>, talvez com correcções nos textos do *1º Livro dos Reis*, *Job* e *Isaías*<sup>54</sup>. Ora não seria necessário supor que Paulo conhecia os *Septuaginta* por ser um judeu da diáspora. Ele conheceria bem os *Septuaginta* quer a sua educação tenha começado em Tarso (onde apenas os *Septuaginta* seria usada) quer tenha sido feita em Jerusalém junto de Gamaliel. Infelizmente, isto não resolve o problema, uma vez que sabemos pouco sobre este tipo de ensino. Seria possível usar os *Septuaginta* em Jerusalém, mas, indo mais longe, seria possível ter junto de Gamaliel uma boa formação retórica, que no mundo helenístico durava 5-6 anos? Ou haveria em Jerusalém escolas de retórica de matriz helenística que Paulo pudesse ter frequentado? Estes problemas são difíceis de resolver – os

<sup>50</sup> Unnik, 1962. Mesma posição de Haenchen, 1971, 624-625; Conzelman, 1987, 186; Bruce, 1988rev, 415. A. Pinto Cardoso na *Bíblia dos Capuchinhos* segue esta interpretação: «nascido em Tarso na Cilícia, mas fui educado nesta cidade [Jerusalém] e instruído aos pés de Gamaliel».

<sup>51</sup> «Nascido em Tarso na Cilícia e educado; contudo, fui instruído nesta cidade aos pés de Gamaliel».

<sup>52</sup> Pitts, 2008, 27-33.

<sup>53</sup> Becker, 1989, 55: «Das Griechische ist für Paulus also nicht eine marginale Angleichung an seine Leser und Hören, sondern ein Aspekt seiner eigenen Bildung. Aus diesen Grund hat es Sinn, hier Schulbildung aus seiner Jugendzeit vorauszusetzen».

<sup>54</sup> Cf. Koch, 1986, 46-67.

estudos mais recentes sobre a educação hebraica padecem de evidente falta de fontes e do perigo de se projectar sobre o séc. I o que sabemos sobre a escola dos Tanaítas a partir do séc. III<sup>55</sup>.

M. Haengel defendeu que havia de facto escolas de retórica em Jerusalém<sup>56</sup>: afinal houvera na corte de Herodes homens versados na cultura grega (*BJ* 2.21) e por aí passara o retor Nicolau de Damasco (mas teriam sido aí professores?)<sup>57</sup>; Josefo tinha boa formação grega e quando o sumo-sacerdote e o Sinédrio quiseram acusar Paulo, pediram ajuda a um orador chamado Tértulo (*Act.* 24.1-9); contudo, desconhecemos a origem deste (o nome é latino), se vivia em Jerusalém ou se estava ligado a alguma escola<sup>58</sup>. De facto, nenhum destes argumentos mostra que Gamaliel ensinava retórica clássica; e, apesar de B. Z. Wacholder supor que os líderes fariseus haveriam de ter formação em Grego<sup>59</sup> e de M. Hengel e C. Marksches afirmarem que «multiform “Hellenistic” influence on rabbis is manifest»<sup>60</sup>, não encontrei informações de que alguma vez um *rabbi* no séc. I tivesse frequentado escolas de retórica helenísticas nem que este tipo de escolas tivesse sequer existido em Jerusalém<sup>61</sup>. De resto, quando Herodes quis que os filhos tivessem uma educação clássica mandou-os para Roma<sup>62</sup>. Por isso, concordo com A. W. Pitts, que defende que em Jerusalém «opportunities for rhetorical education were probably not available»<sup>63</sup>.

Analise-se então a possibilidade de a formação retórica de Paulo ter sido feita fora de Jerusalém. Em Tarso? É muito possível, se aceitarmos a versão dos *Actos* sobre a origem de Paulo. Estrabão assegura que Tarso teria «todos os tipos de escolas de retórica» (σχολαὶ παντοδαπαὶ τῶν περὶ λόγους τεχνῶν) e que, no que se referia à παιδεία ἐγκύκλιος, teria ultrapassado Atenas e Alexandria (14.5.13). Seria extraordinária coincidência o facto de Paulo mostrar boa formação retórica e, simultaneamente, Lucas dizê-lo originário de uma cidade onde funcionava uma das mais importantes escolas de retórica do tempo. Mesmo aceitando a história de Gíscala, ajustada com Tarso, isso confirmaria

---

<sup>55</sup> Daube, 1949, defendeu que «Rabbinic methods of interpretation derive from Hellenistic rhetoric» (240). Contudo, os textos em que se baseia são tardios, provenientes precisamente do ambiente dos Tanaítas: Gerhardson, 1998rev, 58, e Heszer, 2001, 46-50.

<sup>56</sup> Murphy-O'Connor, 1996, 46; Witherington, 1998, 97-98; Hock, 2003, esp. 215.

<sup>57</sup> Hengel, 1991, 59. *Contra* Wacholder, 1960, 30.

<sup>58</sup> Hengel, 1991, 59-60. *Contra* Pitts, 2008, 49-50.

<sup>59</sup> Wacholder, 1960, 48.

<sup>60</sup> Hengel, Marksches, 1989, 29. Contudo, a evidência apresentada por estes autores é tardia, posterior à queda do Templo, e quase sempre do século III d.C.

<sup>61</sup> Heszer, 2001, 106: «There is absolutely no evidence that a Palestinian rabbi mentioned in Palestinian rabbinic documents ever studied properly at a philosophical (or rhetorical) school». Contudo, as tardias fontes rabínicas contêm discussão sobre se um pai deveria ou não ensinar Grego ao filho – *m. Sotah* 9.14, *t. Sotah* 15.8. Cf. Heszer, 2001, 92.

<sup>62</sup> Como também argumenta Pitts, 2008, 47.

<sup>63</sup> Pitts, 2008, 50.

também que, nesta cidade, os pais de Paulo dispunham de suficiente capacidade financeira para investir na comprovada formação retórica do seu filho. Mas esta interpretação significa também que a interpretação de van Unnik sobre a formação de Paulo está equivocada. O mesmo se passa com a versão dos *Actos* segundo a qual Paulo teria vivido «desde o início» em Jerusalém, já que boa parte da educação de Paulo teria de ter sido feita fora desta cidade.

Tudo isso, *tant bien que mal*, até poderia formar um quadro coerente... se Paulo não se apresentasse ainda como um zeloso fariseu.

\*

São também os *Actos dos Apóstolos* a informar que Paulo teria estudado em Jerusalém numa escola de fariseus, «em todo o rigor (ἀκρίβεια) da Lei» e «cheio de zelo (ζηλωτής) pelas coisas de Deus» (*Act.* 22.3). A Agripa II diz ter vivido como fariseu (*Act.* 26.5). Ele próprio seria fariseu, «filho de fariseus» (*Act.* 23.6, 26.5). É seguro que os *Actos dos Apóstolos* foram escritos depois da queda de Jerusalém e em plena ascensão das escolas de fariseus, perante o colapso das estruturas sacerdotais dos saduceus. Ora, ser fariseu, quando os *Actos* foram escritos, era pertencer à única elite judaica da época. Sendo assim, o Paulo lucano reclama não pequena coisa: ele pertenceria à elite grega, romana e judaica. O próprio Paulo parece corroborar Lucas, quando afirma que seria fariseu «quanto à lei» (*Fil.* 3.5). Contudo, tal relação com o fariseísmo está ausente do *curriculum* apresentado em outras *Cartas* (em *Rom.* 11.1 e *2Cor.* 11.22. Cf. contudo *Gal.* 1.13-14). E, sobretudo, parece que Paulo não corrobora nas *Cartas* ter nascido numa família de fariseus (cf., contudo, *Gal.* 1.14).

Ora, mesmo havendo exemplos de fariseus a circular fora da Palestina, como Eleazer (*Jos. AJ* 20.38-41), Hilel, ou uns fariseus no Evangelho (*Mat.* 23.15), tanto quanto pude averiguar Paulo é o único exemplo de um fariseu que terá sido, ao mesmo tempo, Judeu da diáspora, cidadão de uma πόλις e cidadão de Roma<sup>64</sup>; por outro lado, tendo em conta as características do fariseísmo do séc. I d.C. (e.g. interpretação e observância estritas da Lei mosaica, sobretudo quanto aos preceitos relacionados com a pureza ritual e aos interditos ligados às refeições<sup>65</sup>), parece-me difícil compatibilizá-las com a cidadania romana e sobretudo com a cidadania de uma πόλις. De facto, o Pedro dos *Actos*, que nem sequer era fariseu, terá dito a Cornélio que não seria «permitido a um Judeu ter contacto com um estrangeiro ou entrar em sua casa» (*Act.* 10.28), e, já no séc. IV, Epifânio de Salamina há-de dizer que os fariseus não se misturavam com o resto da sociedade (1.16).

<sup>64</sup> Cf. Jeremias, 1969b, 252 n. 26: «it is doubtful if there were Pharisees in foreign parts». Cf. Lentz, 1993, 54.

<sup>65</sup> Sigo a síntese de Jeremias, 1969b, 246-267: «as the true Israel, Pharisees drew a hard line between themselves and the masses [...] who did not observe as they did the rules laid down by pharisaic scribes on tithes and purity». Cf. *Jos. AJ* 1.110.

É certo que o fariseísmo do séc. I estava longe de ser uniforme, mas terá sido marcado pela disputa entre duas escolas, uma muito rigorista quanto ao cumprimento da Torah e defensora da libertação da Palestina, a de Shammai, e a outra, de maior compromisso com o helenismo e com a aceitação de prosélitos, a de Hilel<sup>66</sup>: no início da guerra judaica, os partidários de ambas as tendências enfrentaram-se violentamente e serão recordados como tendo estado na origem de duas Torahs diferentes (*Sota* 14.9)<sup>67</sup>. Pelo menos os descendentes de Gamaliel parecem representar esta versão do fariseísmo<sup>68</sup>. Já Paulo surge como uma espécie de *melting pot* onde até as diferentes tendências do fariseísmo se parecem cruzar, oscilando entre o zelo pela lei e o uso da força por um lado, e a ligação ao mundo da Diáspora e posterior defesa do proselitismo por outro<sup>69</sup>. Além de Paulo, nenhum outro fariseu conhecido terá conseguido conjugar em si tantas influências contraditórias, entre Tarso, Roma, Jerusalém (e eventualmente Gíscala).

Ora, a admitir o fariseísmo dos pais de Paulo<sup>70</sup>, creio que dificilmente este seria compatível com a aquisição e/ou gozo da cidadania de Tarso e com um investimento na formação retórica do filho. E seria possível que esta formação retórica tivesse sido posterior a uma primeira educação, apenas realizada na órbita paterna? É que Van Unnik e Hengel recordam que ele não mostra conhecimento dos poetas gregos<sup>71</sup>. Contudo, esta hipótese também suscita problemas: francamente, não sei se será credível que, sem uma formação pelo menos elementar que lhe permitisse o contacto escolar com a cultura helenística do tempo, Paulo teria ainda assim os pré-requisitos necessários para frequentar depois uma escola helenística de retórica.

Pertinente hipótese foi avançada por J. Jeremias para quem a expressão «*υἱὸς φαρισαίων*» poderia ser metáfora de «aluno de fariseus», ou até sinónimo de fariseu<sup>72</sup>. Nesse caso, talvez Paulo não pertencesse a uma família de fariseus, mas ter-se-ia ele próprio tornado fariseu mais tarde na sua vida, por hipótese quando foi estudar para Jerusalém, já depois de ter efectuado a sua formação retórica em Tarso... De facto, ao contrário do que acontecia com a retórica, dificilmente se adquiria a formação de um fariseu sem ser na Palestina, e sobretudo em Jerusalém: de facto, não há notícia de uma escola de fariseus na diáspora, nem mesmo em Nisibis, na época de Jehuda ben Bathyra<sup>73</sup>. Por isso,

---

<sup>66</sup> Neusner, 1971, 208-211, 294-302, 338-340.

<sup>67</sup> Hengel, 1991, 45.

<sup>68</sup> Neusner, 1971, 341-376; Hengel, 1991, 27-29, 43-45: «it is by no means certain that he belonged to Hillel's school» (28).

<sup>69</sup> Jeremias, 1969a, 88-94. Cf. também Hengel, 1991, 46-49.

<sup>70</sup> Como Bruce, 1988rev, 427; Tajra, 1989, 95.

<sup>71</sup> Unnik, 1962, 52-58; Hengel, 1991, 34-39.

<sup>72</sup> Jeremias, 1969, 177, 252 n. 26. Cf. Lentz, 1993, 54; Rapske, 1994, 95-96.

<sup>73</sup> Hengel, 1991, 33.

se Paulo foi mesmo κατὰ νόμον Φαρισαῖος, a sua formação farisaica foi feita possivelmente em Jerusalém<sup>74</sup>, o que seria compatível com a notícia acerca do seu estudo junto de Gamaliel.

\*

### Quem era Paulo?

(i) Era Hebreu, filho de Hebreus; (ii) era provavelmente trilingue (sabia Grego, Aramaico e talvez Hebraico, pelo menos); (iii) era sem dúvida cidadão romano; (iv) detinha um particular estatuto social e uma ampla capacidade financeira, como os *Actos dos Apóstolos* testemunham; (v) tinha formação retórica apurada, compatível já com um ensino de terceiro nível. Muito provavelmente, esta formação não se fazia nem nas escolas rabínicas nem em Jerusalém; (vi) segundo Lucas, seria cidadão de Tarso, o que, no entanto, Paulo nas *Cartas* não confirma. A ser verdadeira, tal cidadania referia-se talvez ao estatuto especial de que várias comunidades da diáspora gozavam nas πόλεις onde se instalavam – essa é uma possibilidade que se coadunaria melhor com o facto de ele ser e ter permanecido Judeu; (vii) creio que Lucas e van Unnik não estão correctos ao supor que, mesmo tendo nascido em Tarso, Paulo se teria mudado ainda criança para Jerusalém. Pelo contrário, creio que é mais verosímil que Paulo tenha permanecido em Tarso tempo suficiente para ter estudado as técnicas retóricas clássicas, pelas quais a cidade era tão conhecida. Isso significa que Paulo deve ter permanecido em Tarso pelo menos até ao fim da adolescência, início da idade adulta; (viii) isso só aconteceu se a família de Paulo não tiver sido demasiado rigorista na aplicação da Torah: neste sentido, a família de Paulo não deve ter sido uma família de fariseus. Não creio, de resto, que a formação de Paulo em escolas helenísticas fosse compatível com o seu fariseísmo, se este tiver sido uma «herança» de família. Por isso, Paulo não era certamente filho de fariseus; (ix) é certo que o próprio Paulo refere uma vez nas *Cartas* a sua condição de fariseu e sobretudo o rigor com que teria vivido a Torah. Creio que a possibilidade mais plausível de isso ser realidade é situar a sua «conversão ao fariseísmo» já em Jerusalém. De facto, já depois dos seus estudos de retórica em Tarso, Paulo estabeleceu-se em Jerusalém onde pelo menos uma sua irmã já vivia ou veio a viver. Aí contactou com os fariseus e conheceu Gamaliel, certamente o mais prestigiado mestre fariseu. Na sua passagem pelo fariseísmo, Paulo revelou-se particularmente rigorista e zeloso na observância da Torah; até ao seu contacto com os primeiros Cristãos.

\*

<sup>74</sup> Hengel, 1991, 27: «before the destruction of the Temple, Jerusalem was the only proper place for *strict* Jews [...] to study the Torah».



Não é de agora que o problema da origem de Paulo é colocado. De facto, desde a Antiguidade existem dúvidas sobre esta origem e, pelo menos no século IV, circulava uma versão harmonizada da origem mais ortodoxa e canónica (Tarso) com uma outra sem apoio bíblico (Gíscala). Esta última coadunar-se-ia com a imagem de uma família rica de Hebreus que, apanhada na revolta de 4 a.C., poderia ter sido feita escrava e levada para Tarso ou simplesmente emigrado para a Cilícia. No primeiro caso, teria sido depois libertada (talvez por familiares endinheirados que teriam comprado a sua liberdade); na sequência da alforria, a família de Paulo poderia ter assim adquirido a cidadania romana. Ou então, a família de Paulo gozaria já da cidadania romana (o que não é muito provável), antes de ter simplesmente emigrado. É também possível que a família de Paulo possa ter enriquecido em Tarso e passado a integrar um *πολίτευμα* de Judeus na cidade. Aí, conquistados pelo modo de vida helenístico, os pais de Paulo ter-lhe-iam proporcionado uma educação clássica, iniciando-o no estudo da retórica.

Tenho de admitir, contudo, que a versão de Jerónimo/Fócio, apesar de harmonizável com a versão tradicional, não acrescenta nem é essencial para explicar nenhum dos problemas em torno da origem de Paulo. Ela chega mesmo a causar sérios problemas de interpretação às afirmações dos *Actos dos Apóstolos*, mais próximas dos acontecimentos, sobre a origem de Paulo, sobre o facto de ele ter nascido cidadão romano, e não explica a formação retórica do Apóstolo. Por isso, se a versão «Gíscala» não é essencial para esclarecer qualquer dos problemas em torno das origens de Paulo e até causa dificuldades ao próprio texto de *Actos*, percebe-se realmente mal por que razão teria sido inventada. Se fosse uma pura invenção, ter-se-ia talvez preferido indicar uma outra cidade, como sugeriu T. Zahn. E, por vezes, em ciência é mesmo assim. Não encontrei nenhuma boa razão nem para confirmar nem para infirmar a possibilidade de a família de Paulo ter estado de algum modo ligado a «Gíscala». A história de Gíscala é uma boa história e é historicamente verosímil; contudo, isso não a torna necessariamente verdadeira.\*

---

\*Agradeço a amabilidade, as sugestões e o apoio bibliográfico dos Professores Manuel Alexandre Júnior e Nuno Simões Rodrigues.